

1

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre dinheiro realizados no Brasil nos últimos anos tenderam – e, de certa forma, ainda tendem – a ficar mais concentrados em análises de profissionais da área de exatas, jornalismo e ciências sociais. Na literatura psicológica, podemos encontrar inúmeras pesquisas sobre consumo, globalização, sociedade pós-moderna, relações de poder, autoridade etc.; mas ainda nada muito específico sobre o dinheiro e sua influência em relacionamentos interpessoais mais íntimos, como o do casal ou da família, por exemplo. Isso instiga nossa curiosidade: afinal, o dinheiro é um assunto muito presente nessas relações, funcionando ora como recompensa, ora como punição. Quantos de nós já não sentiram demonstrações de afeto ou de autoridade motivados pelo dinheiro? Outro dado importante que comprova a relevância do estudo aparece na prática clínica, onde muitas queixas se mesclam à questão do dinheiro. Deste modo, dinheiro é um assunto que tem potencial para render muitas pesquisas com diferentes enfoques, merecendo a atenção da Psicologia no Brasil.

Além disso, ao acompanharmos o ranking dos livros mais vendidos em livrarias dos grandes centros urbanos, chamou-nos atenção um que se manteve algum tempo em primeiro lugar: “Casais felizes enriquecem juntos” (Cerbasi, 2004). Em entrevista à GNT, no programa Happy Hour do dia 4 de setembro de 2007, Cerbasi comentou que a idéia do livro surgiu a partir das correspondências recebidas por conta de seu primeiro livro “Dinheiro, os segredos de quem tem” (Cerbasi, 2002), em que as pessoas se queixavam muito de que não conseguiam colocar certas dicas em prática por causa de seus cônjuges. Claro que aqui não usamos esse exemplo para fazer qualquer tipo de propaganda do livro, até porque se caracteriza por um livro de auto-ajuda, mas é de suma importância observarmos em nosso contexto sócio-cultural as demandas da população. A cultura da auto-ajuda já existe há algum tempo. O que importa sinalizarmos é o aumento de livros de consultoria financeira voltados para a família e, principalmente, para o público feminino.

Por fim, a necessidade de desenvolver, no Brasil, estudos sobre dinheiro e casamento também é decorrente da existência de pesquisas internacionais que evidenciam a atualidade do tema na Europa e nos Estados Unidos. Encontramos autores espanhóis (Martínez, Díaz, Ibáñez & Dema, 2002), fazendo parte de um trabalho financiado pela Fundação Alemã de Pesquisa, que estuda o tema do processo de individualização no casamento através do dinheiro e que compara casais de quatro países diferentes: Alemanha, Espanha, EUA e Suécia. Uma outra autora muito citada em artigos sobre dinheiro e casamento é Coria (2005), que, inclusive, introduziu o questionamento da diferença entre independência financeira e autonomia da mulher¹.

Como forma de começar a explorar o assunto por algum viés, escolhemos a visão feminina sobre a forma de como as mulheres², mais especificamente as recém-casadas e sem filhos, percebem e negociam o seu dinheiro no casamento, já que concordamos com autores (Harris, 1981; Jablonski, 1998) que apontam o salário feminino como o grande marco da mudança na divisão sexual do trabalho no casamento contemporâneo. Por isso, pensamos que compreender o uso do dinheiro nessas relações seria tentar-nos aproximar de nuances pouco explícitas no discurso verbal, uma vez que as relações de poder geradas no manejo do dinheiro, muitas vezes, são invisíveis mesmo para aqueles que dizem conversar abertamente sobre o assunto. Ao falarmos de dinheiro, estamos, de fato, tratando de poder: seja de decisão, de subjugação, seja de ter em mãos uma moeda de troca injusta em muitas situações – capaz de gerar distorções e conflitos –, mas que também pode ser justa em tantas outras – por significar recompensa, apreço, afeto, preocupação, compreensão, independência, autonomia. O que torna o dinheiro tão eclético em seus significados, é o uso que se faz dele, sem dúvida.

Ora, se até na sabedoria popular “dinheiro é poder”, nossa questão é: o aumento da participação da mulher na vida financeira conjugal está promovendo uma maior igualdade nas decisões e negociações em casa? Será que isso está acontecendo, ou não? Segundo Coria (2005), a independência econômica feminina não, necessariamente, significou para as mulheres – ou pelo menos para

¹ Ver capítulo 5.

² Aqui, estamos nos referindo às mulheres de classe média/alta, pois o trabalho de mulheres de classe economicamente menos favorecida sempre existiu. Ver capítulo 3.

algumas delas – uma conquista por autonomia no casamento, pois muitas ainda delegam decisões do seu salário a seus maridos, devido a crenças e valores sociais de que os homens entendem melhor de dinheiro. Assim, para essa autora, a dominação masculina acaba se mantendo através do próprio comportamento feminino. Outra pesquisa que corrobora esse pensamento, realizada por Magalhães (1993), mostra que o destino do dinheiro da mulher ainda é, essencialmente, para atividades domésticas (serviços, vestuário e decoração) e o do homem, para o sustento e moradia da família (alimentação, educação e consumo).

Com base nesses estudos, a questão financeira parece funcionar como reflexo de valores presentes na formação dos casais. Este fundamento é o que pretendemos investigar.